

# GERAÇÃO RESISTÊNCIA: O EXÍLIO NA LITERATURA DE MILTON HATOUM E PEPETELA

*GENERATION RESISTENCE:  
THE EXILE IN LITERATURE  
OF MILTON HATOUM AND  
PEPETELA*

**Aparecida Cristina da S. Ribeiro<sup>1</sup>**  
**(UNEMAT)**

Ou a obediência estúpida, ou a revolta  
(*Cinzas do Norte*, 2010).

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutoranda em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL/UNEMAT. *Campus* Universitário de Tangará da Serra, Mato Grosso - Brasil. Inscrita na linha de pesquisa Literatura e vida social nos países de língua portuguesa. Bolsista Capes. E-mail: acristynas@hotmail.com

**RESUMO:** Este artigo objetiva refletir sobre a temática do exílio na literatura dos escritores Milton Hatoum e PePETela. Trazemos uma leitura literária das seguintes narrativas: o conto “Bárbara no inverno” (2009) e a crônica “Exílio” (2013), de Hatoum e o romance *A geração da utopia* (2013), de PePETela. Buscamos analisar de que maneira o exílio é um tema vigoroso que se encontra presente na literatura de ambos os autores e que motiva toda uma geração de jovens, principalmente universitários, a vivenciar uma vida nômade e fora do lugar, em que as palavras de ordem são “Ou a obediência estúpida, ou a revolta”, pois resistir é uma maneira de não subordinar-se ao poder. Para refletir sobre a temática proposta, temos como embasamento a leitura crítica dos seguintes ensaios: “Reflexões sobre o exílio” (2003) e “Exílio intelectual: expatriados e marginais” (2005), de Edward Said.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Comparada; Exílio; Milton Hatoum; PePETela.

**ABSTRACT:** This article aims to reflect on the theme of exile in literature from Milton Hatoum and PePETela writers. We do a literary reading of the following narrative: the story “Barbara in winter” (2009) and chronic “Exile” (2013), of Hatoum and novel *Generation of utopia* (2013), of PePETela. We analyze how the exile is a powerful theme that is present in the literature of both authors and what motivates a whole generation of young people, mostly college students, to experience a nomadic and out of place life, in which the watchwords are “or the stupid obedience, or rebellion” because resistance is a way to not allow subordinate to power. To reflect on the proposed theme have as basis the critical reading of the following tests: “Reflections on exile” (2003) and “Intellectual Exile: expatriates and marginal” (2005), of Edward Said.

**KEYWORDS:** Comparative Literature; Exile; Milton Hatoum; PePETela.

Em plena atividade produtiva, Milton Hatoum e Pepetela são dois grandes representantes da literatura contemporânea produzida em língua portuguesa, sendo o primeiro no Brasil e o segundo em Angola. Suas obras inscrevem-se entre as criações literárias do final do século XX e início do XXI, com narrativas que refletem, através da arte, crises e instabilidades políticas, sociais e históricas do homem na sociedade. Tratam-se de textos que problematizam a vida pela existência de personagens exiladas e deslocadas, tornando-se, assim, literaturas de ênfase político-social. É, pois, nesse contexto que queremos dar destaque à literatura dos autores em estudo, que para esta reflexão, vamos nos ater particularmente às seguintes narrativas: o conto “Bárbara no inverno” (2009) e a crônica “Exílio” (2013), de Milton Hatoum, e o romance *A geração da utopia* (2013), de Pepetela.

“Bárbara no inverno” encontra-se publicado no primeiro livro de contos de Milton Hatoum, *A cidade ilhada* (2009), uma obra que reúne quatorze (14) narrativas breves, que trazem principalmente recortes da memória, a juventude, flashes da vida amazônica, vivências e resquícios das experiências vividas longe do lugar de origem que, na concepção do autor, são “contos viajantes que fazem parte das experiências de um amazonense viajante”. Ao comentar o lançamento do livro, o escritor destaca:

São contos viajantes, fazem parte da minha experiência também de amazonense e viajante, eu que morei em tantas cidades, mais de sete cidades no Brasil e no exterior e aos poucos eu fui aprofundando essa experiência que é de expatriado ou de um amazonense longe do lugar e do seu país e tentei transformar essa experiência em narrativas breves<sup>2</sup>.

Os contos de Milton Hatoum apresentam uma linguagem sensível, com uma maneira de narrar em que a brevidade e, principalmente, o elemento surpresa é a última cartada final a ser revelada pelo narrador. Como bom romancista, o autor diz ter

iniciado sua carreira artística escrevendo contos, pois afirma que alguns não vieram a ser publicados e que muitos foram reescritos posteriormente à edição de *A cidade ilhada*. Talvez seja por isso que os leitores são surpreendidos ao encontrar em *A cidade ilhada* contos que remetem à origem de dois dos seus principais romances, como é o caso de *Relato de um certo oriente*, publicado pela primeira vez em 1989, e *Cinzas do norte*, publicado em 2005. Referimos aos contos “A natureza ri da cultura”, semente germinal do romance *Relato de um certo oriente*, e ao conto “Varandas da Eva”, que remete-se ao romance *Cinzas do norte*.

Sobre a questão mencionada, que trata da circularidade de personagens na literatura do escritor e da origem do romance *Relato de um certo oriente*, temos, inclusive, feito algumas observações críticas em nossas pesquisas, que originou na publicação do texto “Emilie - personagem revisitada na obra de Milton Hatoum” (2012). Nesse escrito, buscamos refletir sobre a recorrência de personagens na literatura do escritor. Ser leitor crítico de Milton Hatoum implica desvendar a intrincada relação literária que existe em sua literatura, o que exige uma certa atenção de quem pretende mergulhar nas profundezas de sua criação artística, pois a verdadeira origem de um romance e a gênese de determinadas personagens pode não ter surgido do romance em si, mas sim de contos que ficaram por muito tempo engavetados e que só posteriormente foram publicados.

A crônica “Exílio” encontra-se publicada no livro *Um solitário à espreita* (2013), uma obra que reúne noventa e seis (96) textos breves de escrita sensível. O livro encontra-se dividido em quatro seções “que dão conta de temas como língua e literatura, a realidade, a memória e os afetos, além de pequenas fabulações, *Um solitário à espreita* traz para a forma da crônica a visão de mundo e as opiniões de Milton Hatoum”<sup>23</sup>. Em uma “Nota do autor” o ficcionista afirma que as crônicas reunidas no volume foram publicadas primeiramente em jornais e revistas e que todos os textos foram reescritos para a edição: “Dentre os textos selecionados e divididos em quatro seções, vários têm um viés mais literário. Podem ser lidos como crônicas,

contos ou breves recortes da memória” (HATOUM, 2013, p. 9). Predomina em sua literatura a recorrência da memória, o fio condutor que guia os relatos dos narradores protagonistas pelos meandros das múltiplas vidas vividas no espaço amazônico.

No final dos anos 1970 publiquei minha primeira crônica no Folhetim, antigo suplemento literário da *Folha de S. Paulo*. Mas só comecei a escrever crônicas e artigos com regularidade na revista *EntreLivros*, que teve uma vida breve (2005-7). Publiquei várias crônicas no portal da revista eletrônica *Terra Magazine* e, desde outubro de 2008, assino uma crônica no Caderno 2, do jornal *O Estado de S. Paulo* (HATOUM, 2013, p. 9).

Assim como nos romances, os contos e crônicas de Hatoum também discutem a ideia da condição itinerante, pois as experiências viajantes e os deslocamentos do autor contribuem para o surgimento de textos, em que a itinerância é uma condição de estar fora do lugar. A literatura do escritor problematiza principalmente as relações familiares, a vida afetiva e demonstra que a impossibilidade de reconciliação entre membros familiares pode gerar conflitos subjetivos de maneira que o ódio se sobrepõe ao amor, na maioria das vezes. Portanto, a incompletude persegue as personagens do escritor manauara, narradores e personagens se encontram em constantes viagens, no ir e vir, como seres exilados e fora do lugar.

Narrada em primeira pessoa, a crônica “Exílio” traz uma história de luta, resistência e traição de três jovens estudantes da “segunda série” e ainda menores de idade, que decidem integrar o grupo de universitários que protestam contra a Ditadura militar no Brasil: “Depois de chutes e empurrões, eu e meu colega rumamos para o desconhecido. M.A.C. quis saber para onde íamos, uma voz sem rosto ameaçou: Calado, mãos para trás e cabeça entre as pernas” (HATOUM, 2013, p. 54). Em um ato de manifestação pública, os jovens protagonistas presenciam cenas de violência e tortura após serem presos por militares.

Pobre M.A.C., era o mais retraído da segunda série, misterioso como um bicho esquisito. Tremia ao meu lado, parecia chorar e continuou a tremer quando saltamos da viatura e escutei sua voz fraca: “Sou menor de idade”, e logo uma bofetada, a escolta, o interrogatório. Ainda virou a cabeça, o rosto pedindo socorro...Não o vi mais na noite longa. Eu também era menor de idade e escutei gritos de dor no outro lado de uma porta que nunca foi aberta (HATOUM, 2013, p. 54).

Sabemos que o narrador da crônica é um jovem estudante, de identidade não revelada, da “segunda série”, provavelmente ao que hoje conhecemos como Ensino Médio, por ainda ser um “menor de idade”, conforme relata: “Eu também era menor de idade e escutei gritos de dor no outro lado de uma porta que nunca foi aberta”. São poucas as informações que o leitor tem sobre a vida das personagens, pois não revelar quem são e nem o que fazem é uma maneira de preservar a verdadeira identidade e não ser descobertos pela repressão. Sabemos apenas que M.A.C “decidiu ir a pé até a rodoviária”, “Valmor não quis ir” por ser um medroso, conforme relata o narrador, e o narrador da história, que “preferiu pegar um ônibus uma hora antes do combinado” (HATOUM, 2013, p. 53), para que assim pudessem chegar ao local da manifestação:

A cidade ainda era estranha para mim: espaço grandioso demais para um ser humano, a superfície de barro e grama rala se perdia no horizonte do cerrado. A Asa Norte estava quase deserta, era sexta-feira, e só às três da tarde alguns estudantes saíram dos edifícios mal conservados. Do campus vinham os mais velhos: universitários, professores, funcionários, a turma escaldada. A liderança era invisível, os mais perseguidos não tinham nomes: surgiam no momento propício, discursavam, sumiam (HATOUM, 2013, p. 53).

Os três jovens protagonistas da crônica, que sabemos ser “menores de idade”, juntam-se ao grupo dos “mais velhos:

universitários, professores, funcionários, a turma escaldada”, que saem do *campus* de uma universidade para protestarem no “Asa Norte”. Na narrativa, informações acerca do espaço são marcadas por breves referências à lugares públicos: “Eixo Rodoviário”, “Iago Paranoá” e estrada “Parque Taguatinga-Guará”. Além de bairros e avenidas: “dois Eixos”, “W3-Sul” e “Asa Norte”, conjunto urbanístico que se localizam na cidade de Brasília e que fazem parte do Plano Piloto<sup>4</sup>.

“Asa Norte” é considerado um dos principais bairros da cidade de Brasília, conhecido por ser uma região nobre. Mediante o relato do narrador, que parece ser um estranho na cidade, ao afirmar que “a cidade ainda era estranha para mim”, ele descreve a concentração de estudantes, jovens universitários, professores e funcionários, que em uma sexta-feira, às três da tarde, saem do *campus* de uma universidade não nomeada e seguem rumo às avenidas para protestar contra a Ditadura militar.

Em um movimento de revolta e resistência, principalmente da população estudantil que protesta contra o sistema político vigente, os jovens protagonistas de “Exílio” resolvem também sair às ruas e integrar a manifestação. Mesmo em clima de medo, a juventude não se rende, porque calar pode ser uma maneira de aceitação, portanto, a revolta torna-se uma maneira de demonstrar resistência aos desmandos do poder em vigência.

Valmor não quis ir: medo, só isso, ele disse. Zombavam do Valmor, escarneciam do M.A.C., medroso como um rato, mas agora até o M.A.C. saíria da toca e quem sabe se na próxima vez Valmor... A revolta se irmanavam ao medo, mas a multidão nos protegia e naquela tarde éramos milhares. Os militares esperaram o tumulto crescer na W3, depois se formou o cerco quase perfeito: nas extremidades e laterais da avenida, nos dois Eixos e nos pontos de fuga da capital. Às cinco ouvimos os discursos-relâmpago, urramos as palavras de ordem, pichamos paredes e distribuimos panfletos. A dispersão começou antes de escurecer (HATOUM, 2013, p. 53).

O tempo da narrativa é o ano de 1969: “Trinta e dois anos depois, na primeira viagem de volta à capital, encontrei um amigo de 1969 e perguntei sobre M.A.C” (HATOUM, 2013, p. 55). O clima de revolta e resistência encontrado na crônica de Milton Hatoum remete-se aos tempos do Regime militar no Brasil, ocorrido de 1964 até 1985, período conturbado na história da política brasileira e que motivou o surgimento de muitas obras de ficção e artísticas que predominam o tom de denúncia. Através de referências aos espaços físicos relatados pelo narrador, sabemos que toda a movimentação dos jovens estudantes acontece em espaços públicos, como ruas e avenidas, “nos dois Eixos e nos pontos de fuga da capital”. Assim, as referências às ruas e avenidas evidenciam-se que as manifestações de um grupo de jovens universitários e intelectuais, que protestam contra o Regime militar, acontecem em Brasília. Portanto, a temática principal da crônica “Exílio” é a resistência.

## **Jovens em ação, intelectuais em movimento**

*Entrar para o mundo acadêmico é, portanto, entrar em uma busca incessante por conhecimento e liberdade.*

(EDWARD SAID)

A proposta apresentada nesse texto é refletir como a juventude do Brasil e de Angola, particularmente estudantes e universitários, da última metade do século XX, encontravam-se inteirados e comprometidos com a situação política e social dos seus países de origem. Na literatura de Milton Hatoum, há jovens preocupados com a história e o futuro político do Brasil, que lutam por melhorias sociais e clamam por liberdade de expressão.

Na literatura de Pepetela não é diferente, os jovens em ação, em formação acadêmica na capital do império, Portugal, organizam-se em grupos e movimentos para discutirem a situação política de Angola. A (CEI), Casa dos Estudantes do Império, em Portugal, é

o lugar onde emerge as reflexões e tomadas de decisões da juventude africana, que discutem o futuro político dos seus países de origem.

Refletir sobre a literatura angolana, em especial quando o objeto de análise é o romance, a estudiosa Rita Chaves (1999, p. 21) afirma que “[...] a trajetória do romance em Angola vem deixando nítida a vontade de seus autores de, através da literatura, colocarem em prática um projeto de investigação sobre as realidades que compõem o país”. Assim, a investigação sobre as realidades de Angola é problematizada por via da ficção na literatura de Pepetela, um atento observador crítico das realidades políticas e sociais do seu país. Portanto, destaca a referida autora, “[...] o romance, naquele sistema literário, aproveita-se do senso de historicidade que também o define como gênero para oferecer ao leitor um instigante painel de múltiplas faces que particularizam o país” (CHAVES, 1999, p. 21).

O senso de historicidade encontrado na literatura de Milton Hatoum e Pepetela é também uma linha de investigação que elegemos para mostrar como as narrativas de ambos os autores constroem-se, permeadas de aspectos que remetem ao passado histórico e político do Brasil e de Angola, aspectos esses presentes em suas obras. Nesse sentido, tecer uma reflexão e propor um diálogo entre autores e obras de sistemas literários distintos, como estamos propondo, tem como ponto de partida o aporte teórico e crítico da literatura comparada, principalmente quando os objetos em estudo compreendem o espaço cultural de pertencimento ao macrossistema literário de língua portuguesa. Assim, a comparação é uma maneira possível de produção científica que, através da literatura, permite refletir sobre as relações artísticas entre autores diferentes, de países marcados por uma relação histórica complexa, porém, com características culturais bastante comuns.

Alguns escritores, estudiosos e críticos das literaturas dos países de língua oficial portuguesa já afirmaram que não se entende o Brasil

sem a África ou Portugal, da mesma maneira que não se entende Angola ou Cabo Verde sem a participação do Brasil. É nessa linha de pensamento que nos cabe refletir sobre as relações literárias entre Brasil e Angola, a fim de compreender as relações que há entre as literaturas de Milton Hatoum e Pepetela. A obra escolhida que trazemos para diálogo, elegendo o tema do exílio como motivador de nossas pesquisas, é o romance *A geração da utopia* (2013), uma narrativa que se destaca, tanto por ser considerada um clássico da literatura contemporânea do sistema literário angolano, quanto por apresentar aspectos relacionados à temática proposta.

O romance marca a fase das produções literárias de Pepetela da década de 1990. Publicado pela primeira vez em 1992, a narrativa é dividida em quatro partes: “A casa (1961)”, “A chana (1972)”, “O polvo (Abril de 1982)” e “O templo (a partir de Julho de 1991)”, uma obra que apresenta um complexo panorama da situação política contemporânea de Angola, compreendendo quatro décadas de história. A narrativa marca muito bem o tempo e o espaço, aspectos fundamentais para que o leitor possa acompanhar as transformações ocorridas durante essas décadas, bem como os eventos acontecidos. Uma trama que se inicia nos tempos coloniais, quando os jovens estudantes sonham e lutam pela independência, passando pela fase em que conquistada a libertação, os que tanto lutaram por uma Angola liberta e igualitária, repetem novamente o mesmo sistema de opressão. Dessa vez, o conflito torna-se ainda pior, porque não é mais os de fora que roubam a nação, mas são os da terra que roubam os seus semelhantes.

Para esta reflexão, vamos dar destaque à primeira parte do romance, “A casa (1961)”, em que o espaço e o tempo da narrativa desenvolvem-se na década de 1960, em Portugal, durante o período em que estudantes de países africanos, na condição de colônias portuguesa, encontram-se em Lisboa para cumprir estudos universitários, e são recebidos na Casa dos Estudantes do Império (CEI); por isso, o capítulo intitula-se “A casa”: “Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos anseios de mudança. Conversas

na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colônias” (PEPETELA, 2013, p. 11). Os anseios da juventude vinda de África para a metrópole são comuns a todos: lutar por mudanças, reverter o quadro histórico-político em que os seus países estão inseridos, derrubar o sistema colonial português e ser livres para governar as próprias nações.

O que se passava realmente na terra? O que é verdade e o que é propaganda do regime? E como estão os pais lá, confrontados com a guerra? Pois é de uma guerra que se trata, diga o governo o que disser. As notícias enchiam páginas dos jornais, mas as informações eram poucas. A censura estava a trabalhar a triplo vapor, as tesouras nunca funcionaram tanto como agora. [...] houve ataques às prisões de Luanda para libertar os presos políticos. Seguiu-se uma repressão terrível em Luanda, falava-se de milhares de mortos entre os nacionalistas (PEPETELA, 2013, p. 14).

A geração utópica de Pepetela tem como propósito lutar por mudanças e é nesse cenário que ganha destaque as aventuras de quatro jovens que saem de Angola e seguem para Portugal, com o propósito de cumprir estudos académicos na capital do império: Aníbal, Vítor Ramos, Malongo e Sara, personagens principais do romance. O falastrão e namorador Malongo chegou primeiro para estudar e tentar a vida como jogador de futebol.

Vítor Ramos, que um dia adotaria o nome de Mundial, vivia com Malongo no mesmo quarto alugado a uma senhora da Rua Praia da Vitória. Malongo viera primeiro, há cerca de quatro anos, jogar futebol e estudar. Conseguira emprego num clube grande, o Benfica, e alugara o quarto (PEPETELA, 2013, p. 12).

Os quatro jovens angolanos pertencem à chamada geração utópica, os quais, podemos dizer, identificam com a geração do

próprio autor, que como suas personagens de ficção, também foi estudante em Portugal, lutou como guerrilheiro e sonhou com um futuro melhor para Angola: “O Aníbal, por exemplo, sempre agarrado aos livros e às ideias, não era um tipo alegre. E era de Luanda, a cidade das mil loucuras... Malongo sim, Malongo era um tipo alegre, até demais. Sara sorriu para o céu, para as pessoas que nela não reparavam, metidas para dentro” (PEPETELA, 2013, p. 10).

Sara é uma angolana branca, filha de pai português e mãe angolana mulata, é uma estudante de medicina, centrada na vida e nos estudos, pensamento de esquerda e contra os abusos do poder colonial em terras africanas: “Nascida em Benguela, feito o final do liceu no Lubango, viera há quase seis anos para Lisboa estudar medicina” (PEPETELA, 2013, p. 11). A saída da terra natal é para muitos jovens o início de uma vida no exílio por terem que enfrentar sozinhos as dificuldades de viver em terras estrangeiras, mesmo que seja na capital do império.

Sabia, começava o exílio. Essa ideia do exílio que se impregnou nela ao sair de Luanda fê-la chorar, quando o barco se afastou da baía iluminada à noite. Muito tempo ficou na amurada, olhando e respirando pela última vez as luzes e os odores da terra deixada para trás. Impressões que nela permaneciam, intactas, avivadas a todo o momento pelos angolanos vivendo na capital do império (PEPETELA, 2013, p. 11).

A vida vivida fora da terra natal e distante dos familiares pode deixar saudades, mas também é um marco divisor para os jovens que saem de Angola em busca de formação universitária. A vivência em Portugal é fundamental, pois passam a se inteirar dos problemas nas colônias, é na metrópole que a juventude africana encontra a efervescência das discussões ideológicas e sobre o futuro dos países colonizados. Com isso, surge uma nova geração de intelectuais em movimento, que através da formação acadêmica alargam os

horizontes críticos e passam a visualizar a vida de outra maneira. Empenhados na luta de libertação nacional e igualdade de direitos, seus projetos têm como pauta a construção de uma nova sociedade angolana. É por esses motivos que são conhecidos como *A geração da utopia*.

E ali, no centro mesmo do império, Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses. Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão de que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português. Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e outros a nada. Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colônias, se não era reflexo direto e imediato de uma política criminoso, encontrava nela uma agravante e servia aos seus objetivos. E demonstrou essas ideias numa palestra que fez com um médico cabo-verdiano, no ano passado. Palestra prudente, com cuidadosa escolha das palavras, que lhe valeu muitos aplausos no fim, mas também uma chamada à PIDE, a polícia política, para advertência. Agora tens ficha na PIDE, cuidado, avisou Aníbal (PEPETELA, 2013, p. 11,12).

A vivência em Portugal durante a formação acadêmica torna-se para os jovens angolanos uma experiência singular, no sentido de que passam a comparar as realidades sociais entre metrópole e colônias, bem como a perceber que cabia a eles lutar pela construção de uma futura Angola que fosse melhor e igualitária. As experiências da ficção vividas pelos jovens de *A geração da utopia* se assemelham com a trajetória acadêmica e política do ex-guerrilheiro e escritor Pepetela.

Diferente da trajetória política de Pepetela, Milton Hatoum não ‘pegou em armas’ para lutar pelo seu país. Assim como o angolano, a sua verdadeira arma continua sendo a escrita literária, aparato cultural e ideológico que segue sendo um modo artístico que permite ao leitor conhecer diversas realidades sobre a vida

humana. Hatoum também vivenciou o sentimento de exílio por ter ficado parte de sua vida fora do Brasil e essa experiência permite ao escritor trazer para a ficção reflexões sobre como é a vida vivida fora do lugar, portanto, afirma que as suas experiências literárias são de um escritor “expatriado ou de um amazonense fora do lugar”.

Para compreender o sentido de “expatriado”, recorremos ao crítico palestino Edward Said (2003, p. 54), que afirma que “os expatriados moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais”. Mesmo sendo um exílio voluntário, as experiências de Hatoum não deixam de ser uma manifestação de exílio, quando estamos considerando o sentimento de deslocamento, ou distanciamento, quando alguém tem de conviver com novas experiências linguísticas, sociais e culturais, ao viver uma vida fora da ordem habitual. Estamos referindo ao momento em que o escritor esteve fora do Brasil, durante o Regime militar.

É fundamental destacar que Milton Hatoum é um tradutor de Edward Said no Brasil, tendo traduzido a obra de ensaios críticos *Representações do intelectual* (2005) e feito a seleção dos textos que compõem a edição brasileira de *Reflexões sobre o exílio* (2003). Nota-se que há na ficção do escritor manauara uma recorrência do pensamento crítico de Said, principalmente quando o tema são as reflexões sobre o exílio e as relações culturais provenientes do Oriente.

O sentimento de estar fora do lugar é um tema recorrente nos romances de Hatoum, a cultura híbrida ressalta como uma condição que sugere a itinerância e a fragmentação das personagens de ficção, como acontece com as personagens libanesas dos dois primeiros romances do escritor, *Relato de um certo Oriente* e *Dois Irmãos*. Viver uma vida fora do lugar de origem é uma condição que aflige as personagens de Hatoum, pois têm uma vida marcada pela incompletude, divididas entre o passado e o presente, a terra natal e a realidade brasileira. São personagens que não se integram totalmente à cultura brasileira e também não conseguem se

desvencilhar do Líbano distante, que na memória, evocam os hábitos, a língua e os cheiros da terra de origem.

Com as personagens de Pepetela, em *A geração da utopia*, também não é diferente, pois ausentar-se da casa/família e da terra natal acaba proporcionando um sentimento de tristeza e saudade de tudo que ficou em Angola. As lembranças da infância e dos cheiros da terra longínqua tornam-se um alento em momentos de solidão: “O mesmo se passava com Benguela e com Malanje, e toda Angola. Cada um ficava agarrado às suas recordações da infância e transmitia aos outros, que as viviam como próprias” (PEPETELA, 2013, p. 11). Assim, o exílio para a juventude angolana que vive em Portugal faz surgir um profundo sentimento de saudade, um misto de tristeza e melancolia, que só experimenta quem passa pela experiência de viver fora do lugar de origem: “E a ideia cada vez mais mítica da terra longínqua, feita de impressões misturadas, em que se cruzava a cadência do kissange com as frutas do planalto e as zebras no deserto do Namibe. A distância emprestava às coisas o tom patinado da perfeição” (PEPETELA, 2013, p. 11).

Em nossa pesquisa, como já foi dito, estamos considerando o sentido da palavra “expatriado” para se referir a alguém que vai residir, por vontade própria, em um país estrangeiro, que passa pela experiência de viver em outro país que não seja o seu lugar de origem. Enfatizamos novamente as experiências de Milton Hatoum, que por motivos pessoais e, segundo ele, também políticos, houve um tempo em que deixou o Brasil para morar na Espanha, por volta da segunda metade do século XX. O que motivou o escritor a deixar o Brasil é mencionado em entrevista: “Eu havia saído do Brasil por causa daqueles generais”, referindo-se ao período do Regime militar. Segundo o ficcionista, a escolha em morar em outro país foi motivada pelo descontentamento com o momento político brasileiro. Talvez por isso encontramos frequentes recorrências ligadas a tal aspecto histórico em suas obras, como no romance *Dois Irmãos*, em alguns dos contos de *A cidade Ilhada*, e explode com mais nitidez em seu último romance, *Cinzas do Norte*.

Em *Cinzas do Norte* (2010), a revolta das personagens principais do romance, Raimundo (Mundo) e Ranulfo, compreende uma dimensão política, já que a trama da narrativa se desenvolve entre as décadas 1960, 70 e 80, portanto, durante o Regime militar. Mundo é um jovem artista que se utiliza da arte para contestar o poder e mostrar sua revolta. É ele quem escreve no último cartão postal enviado ao amigo Lavo, narrador do romance, a seguinte frase: “Ou a obediência estúpida, ou a revolta”.

Uns vinte anos depois, a história de Mundo me vem à memória com a força de um fogo escondido pela infância e pela juventude. Ainda guardo seu caderno com desenhos e anotações, e os esboços de várias obras inacabadas, feitos no Brasil e na Europa, na vida à deriva a que se lançou sem medo, como se quisesse se rasgar por dentro e repetisse a cada minuto a frase que enviou para mim num cartão-postal de Londres: “Ou a obediência estúpida, ou a revolta” (HATOUM, 2010, p.7).

A personagem principal de *Cinzas do norte* sofre duplo sentimento de exílio, primeiro, por ter que deixar o Brasil e viver uma vida de artista levada à deriva na Europa, e segundo, o exílio interior, pois a infância e a juventude são marcadas pela ausência de afetividade do pai. Portanto, como temos apontado, a temática do exílio atravessa a literatura de Milton Hatoum e pode ser encontrado nos romances, contos e crônicas do autor.

No conto “Bárbara no inverno”, o exílio é vivenciado por todas as personagens da narrativa, e ganha uma nova dimensão, não apenas do sentimento de estar fora do lugar de origem, mas política. As personagens estão de algum modo banidas de suas pátrias e encontram-se exiladas em Paris. No conto, Paris torna-se o destino de todos aqueles que buscam refúgio, por isso, chegou a ser considerada a capital dos exilados. Milton Hatoum traz para a ficção uma representação literária atenta e crítica a um dos momentos conturbados e ainda recente da história política do Brasil.

Uma vez por mês iam ao mercado na rua Mouffetard, onde mitigavam a saudade comendo e cheirando frutas que os remetiam ao outro lado do Atlântico, ou conversando com africanos, antilhanos e latino-americanos. Bárbara tolerava essas conversas no mercado, mas não suportava a intimidade com expatriados e exilados, nem com franceses que só criticavam a violência no Brasil, sem nunca mencionar o colonialismo na Indochina e na África, o genocídio na Argélia e a França do marechal Pétain. Lázaro concordava, mas seus amigos não eram assim: a amargura e a revolta eram inevitáveis, a barbárie se alastrava na América Latina e era normal que ele e os amigos falassem disso (HATOUM, 2009, p. 78).

Para ampliar o conceito de “expatriado”, Edward Said traz algumas definições importantes que nos auxiliam no entendimento da palavra. Segundo Said (2003, p. 54), “embora seja verdade que toda pessoa impedida de voltar para casa é um exilado, é possível fazer algumas distinções entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados”. Assim, compreendemos que o exílio está relacionado com a ideia de “banimento”, de alguém que está impedido de voltar para casa, ou que foi retirado à força do seu lugar de origem. O referido autor enfatiza que “os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado” (SAID, 2003, p. 50). Por isso, “uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro” (SAID, 2003, p. 54).

É importante afirmar que além das definições apontadas por Said, também estamos considerando como exílio as experiências dos jovens estudantes do Brasil e de Angola, que decidem, por vontade própria e também pela influência social e financeira dos pais, viver em países europeus, motivados pela busca de uma formação acadêmica, cultural e intelectual. Nesse sentido, o exílio é compreendido como um sentimento subjetivo vivido pelo sujeito que distancia das relações afetivas, sociais e culturais.

Conforme as definições do crítico, a diferença entre “exilados” e “refugiados” é que este último é uma criação do Estado do século

XX. Said ressalta que a palavra refugiado tornou-se política, pois “ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnordeada que precisa de ajuda internacional urgente” (SAID, 2003, p. 54). Nesse sentido, os refugiados são sujeitos que não têm lugar nem lar, ambos vivem/moram em casas improvisadas e estão sob a tutela do Estado. E os “emigrados” são aqueles que optam por viver em outra terra, num outro país que não seja o seu local de origem. Assim, emigrados são sujeitos que adotam por vontade própria uma segunda pátria, experiência vivenciada pela família do escritor Milton Hatoum, que deixa o Líbano para morar no Brasil. Na ficção, a experiência de sujeitos emigrados é vivenciada pelas personagens de origem libanesa dos romances de Hatoum, *Relato de um certo Oriente* e *Dois Irmãos*.

Com base na leitura literária das narrativas de Milton Hatoum, podemos afirmar que o sentimento em ser um “expatriado”, o sentir-se fora do lugar estando em um lugar, é uma constante falta, uma saudade melancólica que aflige as personagens criadas pelo ficcionista. Portanto, como temos apontado, o exílio é uma das temáticas que norteiam as obras do escritor, podendo ser encontrado tanto nos romances quanto nos contos e crônicas. No conto “Bárbara no inverno” (2009), verifica-se o exílio em sua manifestação mais concreta, no sentido de banimento, conforme compreende Said. O exílio é o tema principal do desenvolvimento literário da narrativa; por isso, a condição de banimento da pátria e da convivência com os seus é vivenciada por todas as personagens, principalmente Lázaro e Bárbara, que são os protagonistas.

No começo do namoro os dois ouviam a mesma música quase todas as noites e, no tempo em que moraram juntos no Brasil, a paixão e a política se completavam; depois do primeiro inverno em Paris, o exílio, a solidão e a saudade do Rio os uniam e, quando a melancolia os deixava abatidos, Bárbara punha o disco e esperava a música, como se aquela canção tivesse o poder ou a magia de exorcizar qualquer vestígio de ameaça e mesmo indiferença à vida amorosa (HATOUM, 2009, p. 79).

Portanto, a saudade da terra distante e a melancolia que sufoca a vida do casal exilados em Paris são compensadas com pequenos instantes de retorno simbólico, na tentativa de aproximá-los de tudo aquilo que os aproximam do Brasil, a começar pelo cheiro das frutas e principalmente a música. A traição na relação amorosa do casal de brasileiros compreende uma dimensão política, que ultrapassa a relação afetiva: “Lázaro lecionava português a um grupo de executivos do La Défense e Bárbara trabalhava na redação da Rádio France Internationale. Mas só Lázaro era exilado, só ele havia sido preso no Brasil [...]” (HATOUM, 2009, p. 77). Assim, a compreensão do exílio no conto transita entre a dimensão política e metafórica, sendo o primeiro o sentido em evidência.

## Considerações finais

Em nossa pesquisa, verificamos que na ficção de Milton Hatoum, no conto “Bárbara no inverno”, na crônica “Exílio” e também nos romances, o exílio é um tema que atravessa a produção literária do escritor e manifesta-se em sentidos diversos. Há o exílio como forma de banimento, no sentido político do termo, mas também o exílio metafórico, como um sentimento de distanciamento e afastamento da terra natal. Portanto, a saudade da terra distante e o exílio interior vivenciado pelas personagens é um refúgio para que a memória possa reavivar as lembranças, os cheiros, a música e, principalmente, a língua materna, aspectos que configuram uma construção identitária e a ideia de pertencimento a um lugar/origem.

Na ficção de Pepetela, o exílio também é um tema que ganha destaque na literatura do escritor. As manifestações do exílio em *A geração da utopia* configuram um sentimento interior de ausência e saudades da terra angolana, pois, os gostos, cheiros, as frutas da terra e os batuques musicais são evocados para preencher os vazios da vida, que em contato com o novo precisa aprender a dialogar com outros modos culturais. As experiências dos jovens que saem

da terra angolana e seguem rumo à metrópole portuguesa, em busca de formação acadêmica, proporcionam crescimento pessoal e intelectual, e ao retornarem para casa, trazem consigo novos modos de perceber as realidades sociais e, principalmente, políticas.

Portanto, podemos afirmar que o deslocamento é uma característica que marca a produção literária contemporânea na ficção de Milton Hatoum e Pepetela, principalmente quando o foco de análise são os jovens pertencentes à geração de resistência, da última metade do século XX, pois, através das narrativas analisadas, demonstram vontade de mudança e comprometimento com um futuro de liberdade e igualdade.

## Referências

ABDALA JUNIOR, B. **Literatura, história e política:** literaturas de língua portuguesa no século XX. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **De vãos e ilhas:** literatura e comunitarismos. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CHAVES, R. **Angola e Moçambique:** experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **A formação do romance angolano:** entre intenções e gestos. Coleção Via Atlântica, N.º. 1. São Paulo, 1999.

CHAVES e MACÊDO. (Org.). **Portanto...Pepetela.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **Dois irmãos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cinzas do norte.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **A cidade Ihada.** Contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_ **Um solitário à espreita:** Crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PEPETELA. **A geração da utopia.** São Paulo: LeYa, 2013

RIBEIRO, A. C. S. Emilie: personagem revisitada na obra de Milton Hatoum. In: **Redes Discursivas:** a língua (gem) na pós-graduação. MALUF-SOUZA, Olimpia; SILVA, Valdir; ALMEIDA, Eliana e BISINOTO, Leila Salomão Jacob (Orgs.). Coleção ENALHC. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2012. p. 345-363.

SAID, E. Reflexões sobre o exílio. In: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.

\_\_\_\_\_. Representações do intelectual. In: **Representações do intelectual:** as conferências Reith de 1993. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.19-36.

\_\_\_\_\_. **Fora do lugar:** memórias. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## Notas

<sup>2</sup> Transcrição feita de uma entrevista, concedida pelo autor em 20/02/2009 à editora Companhia das Letras, para o lançamento do livro *A Cidade Ilhada* (2009). A entrevista completa encontra-se disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=q7DYuF-UMRE>. Site visitado em 01/12/2011, às 16 horas.

<sup>3</sup> Notas da capa do livro.

<sup>4</sup> O Plano Piloto de Brasília foi elaborado pelo pintor e arquiteto Lúcio Costa, vencedor em 1957 do concurso nacional do Plano-Piloto de Brasília: <http://www.guiabrasilia.com.br/historico/memorial-d.htm>. Acesso em 26/10/2015, às 14 horas.